

Capítulo I

Arte e Imaginação

Chamamos actividade criadora a toda a realização humana responsável pela criação de qualquer coisa de novo, quer corresponda aos reflexos deste ou daquele objecto do mundo exterior, quer a determinadas construções do cérebro ou do sentimento que vivem e se manifestam somente no próprio ser humano. Se nos fixarmos no comportamento do homem, em toda a sua actividade, apercebemo-nos facilmente que podemos distinguir nele dois tipos de impulso fundamentais. Poderíamos chamar a um deles reprodutor ou reprodutivo: este encontra-se habitualmente ligado à nossa memória; a sua essência reside no facto de o homem reproduzir ou repetir normas de conduta já criadas e elaboradas ou ressuscitar traços de impressões antigas. Quando recordo a casa onde passei a minha infância ou regiões longínquas que visitei no passado estou a reproduzir marcas de impressões vividas na infância ou durante as viagens. Exactamente do mesmo modo, quando desenho a partir de algo de natural, escrevo ou realizo algo que tem a ver com uma imagem dada, não faço mais do que reproduzir uma coisa que está diante de mim ou que anteriormente elaborei. Todos estes casos têm em comum o facto de a minha actividade não criar nada de novo, limitando-se fundamentalmente a repetir com maior ou menor precisão alguma coisa já existente.

É fácil compreender a enorme importância que ao longo da vida do homem tem a persistência da sua experiência anterior, a medida em que isso o ajuda a conhecer o mundo que o rodeia, criando e promovendo hábitos permanentes que se repetem em circunstâncias idênticas.

O alicerce orgânico desta actividade reprodutora ou memorizadora é a plasticidade da nossa substância nervosa, se entendermos por plasticidade a propriedade por parte de uma substância de se adaptar e conservar as marcas das suas transformações. Deste ponto de vista diremos que a cera é mais plástica do que a água ou do que o ferro porque se adapta às transformações melhor do que o ferro e conserva melhor do que a água as suas marcas. Só as duas propriedades conjugadas criam a plasticidade da nossa substância nervosa. O nosso cérebro e os nossos nervos, dotados de uma enorme plasticidade, modificam com facilidade a sua estrutura extremamente fina sob a influência de diversas pressões, mantendo a marca dessas modificações contanto que as pressões sejam suficientemente fortes ou se repetam com bastante frequência. Passa-se com o cérebro qualquer coisa de parecido com o que se passa com uma folha de papel quando a dobramos ao meio: no lugar da dobra fica um sulco como resultado da transformação operada — sulco que favorece a reiteração posterior dessa mesma transformação: bastará soprar o papel para que ele volte a dobrar-se pelo mesmo sulco.

O mesmo se passa com a marca que uma roda deixa na terra mole: forma-se um rasto que fixa as transformações efectuadas pela roda ao passar e que facilitará no futuro passar por ali novamente. De igual modo as excitações fortes ou frequentemente repetidas abrem no nosso cérebro trilhos semelhantes.

Verifica-se portanto que o nosso cérebro constitui o órgão que conserva experiências vividas e facilita a sua reiteração. Mas se a sua actividade se limitasse apenas a conservar experiências anteriores, o homem seria um ser capaz de se adaptar às condições estabelecidas no meio que o rodeia. Qualquer nova transformação, inesperada, nesse meio ambiente que não se tivesse

produzido anteriormente na experiência vivida seria incapaz de suscitar no homem a reacção adaptativa adequada. A par desta função de manutenção de experiências passadas, o cérebro possui outra função não menos fundamental.

Além da actividade reprodutora é fácil detectar no homem outra actividade, que combina e cria. Quando imaginamos quadros do futuro — por exemplo, a vida humana nas condições do socialismo — ou quando pensamos em episódios antiquíssimos da vida e da luta do homem pré-histórico não nos limitamos a reproduzir impressões vividas por nós. Não nos limitamos a reavivar marcas de excitações pretéritas que chegaram ao nosso cérebro, pois nunca vimos fosse o que fosse nem desse passado nem desse futuro, e contudo podemos imaginá-los, podemos formar uma sua ideia, uma sua imagem.

Toda a actividade humana que não se limite a reproduzir factos ou impressões vividas, mas que cria novas imagens, novas acções, pertence a esta segunda função criadora ou combinatória. O cérebro não se limita a ser um órgão capaz de conservar ou reproduzir as nossas experiências passadas, é também um órgão combinatório, criador, capaz de reelaborar e criar novas normas e concepções a partir de experiências passadas. Se a actividade do homem se reduzisse a repetir o passado, o homem seria um ser virado exclusivamente para o ontem e incapaz de se adaptar a um amanhã diferente. É precisamente a actividade criadora do homem que faz dele um ser projectado para o futuro, um ser que contribui para criar e que modifica o seu presente.

A psicologia chama imaginação ou fantasia a esta actividade criadora do cérebro humano baseada na combinação, dando a estas palavras, imaginação e fantasia, um sentido científico diferente. Na sua aceção corrente, costuma entender-se por imaginação ou fantasia o irreal, o que não se ajusta à realidade e, portanto, é desprovido de valor prático. Mas, em última análise, a imaginação, como base de toda a actividade criadora, manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e foi criado pela mão

do homem, todo o mundo da cultura, na medida em que se distingue do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana, baseando-se na imaginação.

«Qualquer descoberta — diz Ribot — grande ou pequena, antes de se realizar na prática e de se consolidar, formou-se na imaginação como uma estrutura construída na mente através de novas combinações ou correlações...

... Ignoramos quem fez a grande maioria das descobertas; não conservamos mais do que uns poucos nomes de grandes inventores. A imaginação, evidentemente, comparece em todos os casos, qualquer que seja o modo como se apresenta: em personalidades isoladas ou na colectividade. Para que o arado, que não era de início mais do que um simples pedaço de madeira com a ponta endurecida pelo fogo, passasse de um instrumento manual tão elementar ao que é hoje através de uma série de transformações descritas em obras especializadas, quem poderá dizer quanta imaginação foi necessária? De modo análogo, a fraca chama do fragmento de madeira resinoso, do tosco archote primitivo, conduz-nos através de uma longa série de inventos até à iluminação a gás e a electricidade. Todos os objectos da vida de todos os dias, sem que fiquem de fora nem os mais simples e habituais, acabam por ser qualquer coisa como *fantasia cristalizada*.»

Daqui depreende-se facilmente que a nossa habitual representação da criação não coincide por completo com o sentido científico da palavra. Para o comum das pessoas a criação é privativa de uns quantos seres de eleição, génios, talentos, autores de grandes obras de arte, de descobertas científicas de culto ou de importantes aperfeiçoamentos tecnológicos. Concordamos em reconhecer, e concedemos com facilidade, a criação na obra de um Tolstói, de um Edison ou de um Darwin, mas tendemos a admitir que esse tipo de criação não existe na vida do homem do povo.

Mas, como já indicámos, uma concepção semelhante é absolutamente injusta. Um grande sábio russo dizia que do mesmo modo que a electricidade se manifesta e age não só na magnificência da tempestade ou no brilho ofuscante do relâmpago, mas

também na pequena lâmpada de uma lanterna de bolso, assim também existe criação não só quando esta é origem de acontecimentos históricos, mas também sempre que o ser humano imagina, combina, modifica e cria qualquer coisa de novo, por insignificante que a novidade possa parecer se comparada com as realizações dos grandes génios. Se acrescentarmos a isto a existência da criação colectiva que agrupa todos esses contributos insignificantes por si sós da criação individual, compreenderemos melhor como é imensa a parte que tudo o que é criado pelo género humano cabe precisamente à criação anónima colectiva de inventores anónimos.

Desconhece-se o nome dos autores da grande maioria das descobertas, como justamente fazia notar Ribot, e a compreensão científica deste problema faz-nos ver na função criadora mais uma regra do que uma excepção. É certo que os níveis mais elevados da criação, hoje em dia, são apenas acessíveis a um punhado de grandes génios da humanidade, mas na vida que nos rodeia quotidianamente existem todas as premissas necessárias à criação e tudo o que ultrapassa o quadro da rotina e encerra uma partícula, por mínima que seja, de novidade tem a sua origem no processo criador do ser humano.

Se considerarmos a criação nestes termos, veremos sem dificuldade que os processos criadores são observáveis já em todo o seu vigor desde a mais recuada infância. Entre as questões mais importantes da psicologia infantil e da pedagogia conta-se a da capacidade criadora das crianças, a da promoção desta capacidade e a da sua importância no desenvolvimento geral e maturação da criança. Desde os primeiros anos da infância, encontramos processos criadores que se reflectem, sobretudo, nos seus jogos. O rapazinho que cavalga um pau e imagina que monta a cavalo, a rapariguinha que brinca com a boneca e se imagina mãe dela, as crianças que brincam aos ladrões, aos soldados, aos marinheiros, mostram nos seus jogos exemplos da mais autêntica e verdadeira criação. É verdade que, nos seus jogos, reproduzem muito do que vêem, mas é bem conhecido o imenso papel que cabe à imitação nos jogos infantis. Estes são